

Jorge de Sena por Gilda Santos: poesia, amor e vida

por Alessandro Barnabé Ferreira Santos

RESUMO: Entrevista com a Professora Doutora Gilda Santos (UFRJ/Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras) realizada em 5 de Dezembro de 2019, no Real Gabinete Português de Leitura – em razão do centenário de nascimento de Jorge de Sena, celebrado em 2019 – e conduzida por Alessandro Barnabé Ferreira Santos, Doutorando do Programa de Pós-Graduação de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo, sob a supervisão da Profa. Dra. Mônica Simas, da Universidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge de Sena. Poesia. Crítica.

JORGE DE SENA BY GILDA SANTOS: POETRY, LOVE AND LIFE

ABSTRACT: Interview with Gilda Santos, PhD., (UFRJ/Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras) on 05 December 2019 at Real Gabinete Português de Leitura -- due to Jorge de Sena's centenary of birth celebrated in 2019 -- held by Alessandro Barnabé Ferreira Santos, PhD. student in Portuguese Literature from University of São Paulo, with the supervision of Mônica Simas, PhD., professor of Portuguese literature from University of São Paulo.

KEYWORDS: Jorge de Sena. Poetry. Criticism.



(Foto de Orlando Inácio: Gilda Santos no Real Gabinete Português de Leitura)

ABFS: Cara Gilda Santos, eu começo esta entrevista com a imagem do poeta sentado à mesa, à espera dos convivas que a ele se juntem para partilhar uma refeição. Gosto de pensar nessa refeição

como a própria partilha da poesia, no sentido de testemunho que Jorge de Sena tão amplamente cultivou. Pergunto: como se deu o seu primeiro contato com o Jorge de Sena, e o que, nessa partilha poética, a motivou a pesquisar a sua obra?

GS: Sem dúvida, textos de Jorge de Sena teriam passado por meus olhos em algumas antologias usadas nas disciplinas de Literatura Portuguesa durante minha Graduação na Faculdade de Letras/UFRJ, onde entrei em 1971. Mas não os fixei, não me marcaram. Só dez anos depois, já inscrita no Doutorado, travei efetivo contato com o poeta e o ficcionista num curso monográfico, ministrado por “D. Cleo” (Cleonice Berardinelli), a homenagear o amigo pouco antes falecido. Porém, caí na asneira de começar a ler o autor pelos seus prefácios, que, então, me pareceram extremamente pretensiosos, arrogantes, desagradáveis. Criei logo enorme antipatia por ele e passei o curso a chamá-lo de “porco-espinho”, com profundo desdém por tudo que dele era obrigada a ler. Como trabalho final, apenas para cumprir indispensável exigência burocrática, umas páginas – bem fraquinhas – sobre a novela *O Físico Prodigioso*. Em 1983, uma colega, que organizava um curso de extensão no Real Gabinete sobre releituras da Idade Média no século XX português, lembrou-se do “meu” *Físico* e convidou-me a participar. Como a responsabilidade não era grande, lá fui eu desempoeirar aquele texto escrito “nas coxas” e preparar minha aulinha... Só que nesse dia, Mécia de Sena, viúva do escritor, estava no Rio e apareceu na minha sessão. Dei-lhe a palavra e o diálogo com os presentes fluiu com grande interesse, inesquecível. A seguir, fui levá-la à casa onde ela estava hospedada. O trânsito da cidade virara um perfeito caos nessa tarde-noite e acabei por ficar com ela dentro do táxi durante hora e meia, ouvindo inúmeras histórias sobre um Jorge de Sena que ela julgava ser meu ídolo – e eu engolindo em seco toda a minha renitente antipatia... De regresso à Califórnia, Mécia enviou-me volumes e mais volumes da obra de seu marido – que eu rapidamente distribuí entre os colegas, pois (ainda) não me interessavam... Mais tarde, em 1987, ano em que pelas universidades do Brasil inteiro se repensava a Inquisição, desempoeirei novamente o “meu Físico”, acrescentei-lhe alguns parágrafos e produzi uma comunicação para um excelente congresso em Belo Horizonte. Congresso do qual participavam Saramago, Eduardo Lourenço, Maria Alzira Seixo, E. Mello e Castro – que foram todos para a sala onde eu falaria. Eu, aflitíssima, lá “despejei” minha comunicação, que parece ter corrido tão bem que chegou aos ouvidos de uma preocupada D. Cleo – minha orientadora da tese, de tema quixotesco, que estava encruada há anos e com todos os prazos, já prorrogados, a se esgotarem. Assim, intimou-me – e a palavra é mesmo essa – a escrever minha tese de doutorado sobre o famigerado *Físico*. Sem argumentos, nem alternativas na manga, lá fui eu começar a estudar, a sério, a novela e o seu autor. E foi um fascínio, que nunca mais parou de crescer, que perdura, inextinguível. Ou seja, certamente

por passes mágicos desse prodigioso *Físico*, foi o próprio Jorge de Sena, com sua obra excepcional, quem me atraiu para a mesa de contínuo convívio onde ele escreve (sim, no presente) – uma mesa imensa, infinda, como não existe outra na literatura portuguesa novecentista. E o convívio com seu espólio, realizando o Pós-Doutorado em Santa Barbara, durante 9 meses de 1992-3, definitivamente me conquistou para o universo seniano.

ABFS: O testemunho poético é uma grande lição legada por Jorge de Sena, mas há outras mais. Das grandes lições que o poeta de *Metamorfoses* nos legou, quais a senhora poderia destacar, tanto para si no sentido da crítica de poesia, quanto para as gerações de poetas posteriores a década de 70?

GS: O legado de Jorge de Sena às gerações que o sucederam e a sua importância como desbravador de ideias, palavras, imagens, metáforas, temas, motivos e símbolos (gloso o seu “Camões dirige-se...”) na literatura portuguesa, já foi apontado várias vezes. O primeiro a sistematizá-lo talvez tenha sido Eduardo Prado Coelho, que o nomeou de “figura tutelar” da poesia portuguesa contemporânea (escrevia isso em fins dos anos 80, no livro *A noite do mundo*¹) e destacou seu pioneirismo no diálogo interartes e na expressão do erotismo e da sexualidade, entre outros contributos. Resume: “De sua obra tão diversa [...] seria difícil dizer que não condiciona, em níveis diversos, quase tudo o que a poesia portuguesa contemporânea considera e partilha”. Quanto a mim, Jorge de Sena é uma lição constante, um aprendizado a cada página. E como ainda não encontrei sequer um tema que ele não tenha abordado, tamanha cultura e tamanha erudição recordam-me a cada instante a dimensão ínfima do meu saber, indicando-me o quanto devo buscar o auto-comedimento e a humildade por esses imensos campos das letras.

ABFS: A fechar esse ciclo primeiro de perguntas, e ainda sob a efervescência do colóquio em homenagem ao centenário de Jorge de Sena e Sophia Andresen, que reuniu no Real Gabinete Português de Leitura e na UFRJ gerações diferentes de pesquisadores da obra dos dois poetas, como a senhora avalia o estado da crítica especializada na obra do poeta, pensando na importância que foi, para todos nós, o Colóquio realizado? E quais novas propostas de leitura (e estudiosos que estão a pensar a obra de Sena a partir de olhares novos) a senhora gostaria de destacar?

GS: No momento em que respondo a estas perguntas, com 2019 chegando ao fim, participei de vários encontros científicos totalmente dedicados a Jorge de Sena (uma jornada na Fundação

¹ COELHO, Eduardo Prado. *A Noite do Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988

Calouste Gulbenkian, em janeiro; um colóquio na Universidade de Lisboa, em outubro e outro na Universidade do Minho, em novembro), ou parcialmente (*Sena & Sophia*, no Real Gabinete/UFRJ, em setembro; *Sena e Pessoa*, promovido pela Casa Fernando Pessoa, em outubro), ou ainda circunstancialmente (congresso da ABRAPLIP, em Belém do Pará, novembro). E mais alguns aconteceram ao longo do ano, de cujos conteúdos tomei conhecimento pela imprensa ou por relatos de participantes. Além disso, organizei um *dossier* sobre o autor para uma revista eletrônica da Universidade de Lisboa e uma coletânea de 100 comentários, de 100 diferentes autores, a 100 poemas de Jorge de Sena, reunidos na revista *Metamorfoses*, da UFRJ. Assim, travei contato com um número enorme de abordagens da obra seniana, das quais seria difícil destacar as mais originais e inovadoras. Contudo, sublinho dois pontos que me parecem fundamentais: 1) a grande e entusiástica adesão de jovens universitários a essa obra, o que nos permite crer que Sena não será esquecido numa produção acadêmica e ensaística em geral – e, a qualquer momento pode ter o “boom” a que faz jus (como Pessoa e Saramago já tiveram...); 2) por mais variada, ampla e densa que nos pareça ser a bibliografia passiva que lhe foi dedicada, ela ainda fica muito muito muito aquém do que a descomunal e polifacetada obra de Sena exige e merece.

ABFS: Início esta segunda sessão com uma imagem em mente: o *dedo sujo*, que une o poeta e o Minotauro. E me vem à memória a lembrança viva de que alguns anos atrás, a senhora me alertava, na primeira vez que entrava no Real Gabinete, sobre a importância daquela imagem, surgida num *poema-rio*, como julga Francisco Cota-Fagundes². Como então pensar o lugar dessa imagem na constituição do testemunho poético de Jorge de Sena?

GS: De fato, não faltam leituras possíveis desse *dedo sujo*: um dedo que aponta, que indica, que acusa; um dedo fálico; um dedo usado na escrita e sujo de tinta; um dedo sujo de semear; sujo de meter o dedo na ferida... e por aí vai. “Em Creta com o Minotauro” foi um dos últimos poemas que Sena escreveu no Brasil, às vésperas de partir para o exílio norte-americano, assim como “Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya” foi escrito em Portugal pouco antes de vir para o Brasil. Dois saltos sobre o incerto, duas aventuras. Ratificando a poesia de Sena como um “diário poético”, costumo relacionar esses dois grandes poemas pelo teor testamental. No de 1959, temos uma lição convicta sobre a dignidade humana e a necessidade de tolerância face ao outro; já no de 1965, a amarga descrença na “pouca humanidade neste mundo” gera a ironia corrosiva distribuída

² FAGUNDES, Francisco Cota. “Ser-se emigrante e exilado e como: Em Creta, com o Minotauro. Súmula poética do drama da emigração e exílio na poesia de Jorge de Sena” In: *Jorge de Sena vinte anos depois*. Lisboa: Edições Cosmos e Câmara Municipal de Lisboa, 2001.

pelos cinco “atos” de uma tragédia atual, algo surrealista-niilista, que toma o Minotauro como único interlocutor possível da voz-poética que se diz só e incompreendida, exilada num labirinto da modernidade. Mas não cabe nas dimensões desta entrevista uma análise mais detida do poema, que é absolutamente extraordinário e reúne vários dos grandes veios da poesia de Sena, onde não falta sequer a presença do seu querido Camões.

ABFS: Sobre Jorge de Sena, o grande Eduardo Lourenço percebe, no texto tomado como posfácio de *Não leiam delicados este livro* (2019), uma ausência “[d]aquilo que se poderia chamar de seu ‘discurso oficial’”³, suscitada por um certo “pânico” em dever organizar e articular os diversos discursos em que o poeta fez nome: poesia, romance, teatro, ensaios, crítica literária. A pensar no sujeito Jorge de Sena, que antes de tudo e sobretudo poeta se considerava, como a senhora entende esse diálogo interno na obra do poeta, nomeadamente entre a poesia e a ficção, e o diálogo externo, ou seja, entre a obra literária e a obra ensaística de crítica literária? De outro modo, como se daria, na sua visão experiente, a constituição de um “discurso oficial” de Jorge de Sena?

GS: Se o “discurso oficial” sobre Jorge de Sena ainda não se consolidou, não foi por omissão dele, pois desconheço outro autor que tantas pistas nos tenha dado sobre os elos entre os vários campos de sua produção. Mas é preciso notar que a afirmativa de Eduardo Lourenço é de 1985, quando a produção crítica mais consistente sobre Sena apenas principiava. Sem dúvida, a partir dos anos 90 ele começa a merecer mais atenção, sobretudo no espaço acadêmico, e são relevantes os trabalhos que então surgem. Os de Jorge Fazenda Lourenço são incontornáveis. E hoje não são poucas as publicações que relacionam sua poesia e sua ficção, ou sua obra literária e ensaística. Todo o problema para que se reconheça esse “discurso oficial” é indiciado pelo próprio Eduardo Lourenço ao advertir sobre “a massa enorme de textos” e o “tom” de toda essa obra.

ABFS: Tenho a impressão de que a figura de Sena enquanto poeta, ficcionista e grande intelectual se tem cada vez mais solidificado. Dentre os diversos registros em que escreveu, avulta o volume da correspondência que trocou ao longo de anos com vários outros escritores, Sophia Andresen uma delas. Como pensar a relação do poeta com o gênero epistolar, ou seja, se é possível pensar

³ “O ensaio de Eduardo Lourenço [*Evocação de Jorge de Sena*] resulta de uma conferência realizada em Paris, no Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian, em novembro de 1985. O original em francês foi vertido para a língua portuguesa por Teresa Cristina Cerdeira, com revisão do autor. Encontra-se publicado no *Boletim do SEPESP* no. 6, Gilda Santos (Coord.), Rio de Janeiro, SEPESP - Seminário Permanente de Estudos Portugueses/FL/URFJ, setembro de 1995 e nas *Obras completas de Eduardo Lourenço, vol. III, Tempo e poesia*, Carlos Mendes de Sousa (Coord.), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.” (SANTOS, 2019, p. 37). Este ensaio acompanha a antologia organizada pela entrevistada, *Não leiam delicados este livro: 100 poemas de Jorge de Sena*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

nas cartas como componentes de sua obra.

GS: Lembre-se que, em vários momentos, a correspondência foi considerada como texto literário. Para citar só um caso emblemático, bastante conhecido, cito as cartas atribuídas a Mariana Alcoforado. E são inúmeros os títulos de romance epistolar em várias literaturas. Na atualidade, veja-se a proliferação de ensaios sobre a epistolografia. Quanto ao Sena, ele cresceu e viveu num tempo em que a carta era fundamental meio de comunicação. Aliás, foi sobretudo por cartas seu namoro com Mécia. E o duplo exílio – Brasil e Estados Unidos – mais o incentiva ao uso da carta como forma de manter contato com seus amigos e a atualidade portuguesa. Coerentemente, tão torrencial é sua produção postal quanto o é o restante de sua obra. E para quem, de modo explícito, coloca o biográfico no centro do que escreve, não se pode desdenhar das cartas. No fundo, toda a obra de Sena (como a de muitos outros escritores) pode ser lida como uma grande carta a “seus filhos”, que vêm a ser todos que o lerem. No sentido mais restrito da correspondência com seus contemporâneos, da qual só uma ínfima parte está publicada, são importantíssimas as informações contextuais para melhor se compreender muito de sua obra.

ABFS: O centenário de nascimento de Jorge de Sena e o de Sophia Andresen constituem efemérides que marcam o ano de 2019. Como a senhora avalia a recepção da obra de Jorge de Sena aqui no Brasil, não somente entre o público mais familiarizado com a produção literária portuguesa pós Fernando Pessoa, mas também do público geral?

GS: A minha avaliação não é muito positiva. Se já no mundo universitário as comemorações no Brasil, tanto de Sena quanto de Sophia, foram bem limitadas, fora dele inexisteram. Em Portugal, Sophia ganhou uma projeção muito superior à de Sena, por motivos que não vale a pena aqui enumerar. Enfim, repito-me, Sena é autor ainda a ser descoberto por um público amplo. A antologia de 100 poemas que organizei para a Ed. Bazar do Tempo (e que figura na lista dos 20 melhores livros de 2019 do jornal *O Globo*) é uma sementinha... Vamos ver se dará frutos...

ABFS: A antologia *Não leiam delicados este livro* (2019) foi lançada há pouco e tem tido excelente recepção, vide resenha publicada por Igor Gomes, no Suplemento Pernambuco, “Jorge de Sena e a salvação do mundo pelo corpo”. O volume impressiona, de fato, tanto pela qualidade como pela justa seleção dos poemas, que, penso, dão uma imagem ampla da poesia seniana. Entretanto, fazer antologia é correr riscos. A pensar nesses riscos, quais outros poemas a senhora gostaria de ter inserido na antologia e não foram?

GS: De um universo de cerca de 1800 poemas deixados por Jorge de Sena, escolher apenas 100, digamos, “nucleares”, é uma tremenda ousadia. Se dispusesse de mais espaço, gostaria de inserir “sequências” completas como os 21 sonetos de *As Evidências*, os “Sete sonetos da visão perpétua”, os 8 poemas de “Sobre esta praia...”, os 12 de Natal, os poemas de “Post-metamorfose”, os poemas “ecfrásticos” que não estão em *Metamorfoes* e ainda os vários poemas “assêmicos”, escritos antes e depois dos “Quatro sonetos a Afrodite Anadiómena”. Pois nada melhor do que textos completos para uma leitura mais consistente.

ABFS: A obra de Jorge de Sena tem hoje, no Brasil, uma recepção bastante bem aceita, julgo eu, e acredito que isso se deva muitíssimo ao trabalho constante que gerações de pesquisadores brasileiros dedicaram ao ensino, pesquisa e divulgação da literatura portuguesa em solo brasileiro, mesmo de autores mais recentes. O nome Gilda Santos já se tornou incontornável para quem se aventure pela obra seniana. Nesse sentido, como avalia o seu legado para as gerações mais novas de pesquisadores?

GS: Há tempos escrevi, para a revista *Relâmpago*, um texto sobre a recepção crítica de Sena no Brasil, registrando o pioneirismo de Cleonice Berardinelli – a quem, sem dúvida, devemos a primeira geração de seus atentos leitores, na qual me incluo.

Apesar das limitações que antes apontei sobre a circulação da obra de Sena nesta margem do Atlântico, não conheço pessoa alguma que dela não tenha gostado logo no primeiro “encontro”. E eu jamais esquecerei os rostos deslumbrados de alguns alunos diante da “descoberta” de certos poemas. “Descoberta” geralmente acompanhada da frase “Como é possível nunca nos terem falado deste poeta?”...

Sobre um “legado” meu, não sei falar. Sei, sim, de meu empenho em dar a conhecer, em divulgar o mais possível, esse autor genial – de todos os modos e em todos os espaços que me foram facultados, com a maior convicção de seu gigantismo incomparável nas letras portuguesas do século XX.

ABFS: Por fim, uma pergunta à maneira de exercício imaginativo: se pudesse, hoje, encontrar Jorge de Sena, o que a ele gostaria de dizer ou perguntar?

GS: Em Creta, qual o teor da conversa com o Minotauro? E Afrodite Anadiómena os acompanhou no café?

Ficha técnica:

Concepção da entrevista:

Alessandro Barnabé Ferreira Santos - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo.

Monica Muniz de Souza Simas - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo.

Rosely de Fátima Silva - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo.

Realização da entrevista: Alessandro Barnabé Ferreira Santos

Edição: Alessandro Barnabé Ferreira Santos - ABFS

Foto: Gilda Santos - GS - Copyright: Orlando Inácio (Chefe da Secretaria do Real Gabinete Português de Leitura - RGPL)

Entrevista à Profa Dra Gilda Santos (UFRJ/Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras) realizada via inquérito enviado on-line e finalizada presencialmente, no Real Gabinete Português de Leitura, no dia 05 de dezembro de 2019.

Agradecimentos: Professora Doutora Gilda Santos, Professora Doutora Mônica Simas (USP), Professor Doutor Horácio Costa (USP), Rosely de Fátima Silva (USP), Orlando Inácio (RGPL) e Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras.